

“FAÇA ISSO E VIVERÁ” (Lc 10,28)

Tomaz Hughes*

Resumo

Este artigo pretende mostrar que a “vida eterna” é uma realidade já existente entre nós e que não começa “no além”, depois da morte. Tem como princípio fundamental que o mais importante na vida de uma pessoa é praticar a compaixão e a misericórdia, como Jesus fazia, e que essa prática já é uma vivência da “vida eterna”. Analisa alguns elementos no texto da parábola conhecida como “O Bom Samaritano”. Nela Jesus devolve a pergunta feita pelo legista, baseada numa visão jurídica e excludente do termo “próximo”, e mostra que um argumento casuístico assim é estéril. Para Jesus, a pergunta importante é “como tornar-se próximo” de qualquer sofredor. Assim, terá não somente vida longa, mas “a vida eterna”.

Palavras-chave: *Vida eterna. Lucas. Misericórdia. Bom Samaritano. Próximo.*

Abstract

The aim of this article is to show that “eternal life” is a reality already present among us and not one that begins after death. The basic premise is that the most important task in a person’s life is to practice mercy and compassion, as Jesus did, and that this experience is already one of “eternal life”. It analyses some elements of the parable commonly called “The Good Samaritan”. This parable shows how Jesus reverses the question presented by the legal expert, based on juridical distinctions regarding the term “neighbor”, demonstrating that such casuistic reasoning is sterile. For Jesus the important question is how one can become “neighbor” to anyone who is suffering. This will lead not only to “long life” but to “eternal life”.

Keywords: *Eternal life. Luke. Mercy. Good Samaritan. Neighbor.*

* Assessor bíblico do Centro de Estudos Bíblicos (CEBI) e da Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB).

Introdução

O objetivo deste artigo é refletir sobre uma frase importante, na qual Jesus responde ao doutor da Lei “faça isso e viverá”, segundo o Evangelho de Lucas. Esta resposta de Jesus é dada justamente porque a pergunta é sobre como alcançar a vida eterna. É no modo de viver (ou o que se faz da vida) que a vida pode ser eterna, completa, enfim, uma vida que valha a pena ser vivida.

1. Lucas o Evangelho da misericórdia e da compaixão de Deus

Salta aos olhos que um dos principais temas transversais na obra dupla de Lucas (o terceiro Evangelho e Atos dos Apóstolos) é a misericórdia e a compaixão de Deus. A caminhada de Jesus se caracteriza pelo fato que ele irradia, especialmente para os pobres, sofredores e pecadores, o rosto misericordioso de Deus¹. Isso ele faz através de seus ensinamentos, gestos e parábolas. Muitos dos textos, referentes a este tema, que melhor conhecemos só se encontram em Lucas: o Magnificat (1,46-55), a história da mulher que unge os pés de Jesus (7,36-50), a parábola do “Bom Samaritano” (10,25-37), e as três parábolas do capítulo 15 (a ovelha perdida e encontrada, a moeda perdida e encontrada e o filho perdido e encontrado), a do fariseu e do publicano (18,8-14), a passagem de Zaqueu (19,1-10), do “Bom Ladrão” (23,42-43).

Talvez essa ênfase se deva em parte ao fato de que Lucas escreve para comunidades nas cidades greco-romanas, onde dominava a religião dos deuses daquela cultura – muitas vezes cruéis, sem nenhum compromisso de amor ou de misericórdia para com a humanidade. Mergulhadas nesse ambiente religioso pagão, as comunidades lucanas precisavam se convencer que o Deus de Jesus é, em primeiro lugar, compaixão e misericórdia. Demonstrar isso foi fundamental para que Jesus desafiasse a autossuficiência dos que se consideravam “justos”.

Sendo continuadores dessa missão, nós também precisamos demonstrar sempre esse rosto de Deus. O documento da Conferência de Aparecida insiste: “O discípulo-missionário há de ser um homem ou uma mulher que torna visível o amor misericordioso do Pai, especialmente para os pobres e pecadores”².

Muito ligado a isso é o fato de que Lucas pode ser considerado “O Evangelho dos pobres e excluídos”. Coerente com o tema anterior está o destaque dado por Lucas à opção de Jesus pelos pobres e excluídos de então e, por consequência, a exigência de seu seguimento em nosso tempo. A misericórdia de Deus se manifestou em Jesus especialmente para os pobres e excluídos. Encontramo-lo

1. STORNILOLO, I. *Como Ler o Evangelho de Lucas*. São Paulo: Paulus, 1990, p. 11.

2. CONFERÊNCIA EPISCOPAL LATINO-AMERICANA E DO CARIBE. *Documento de Aparecida*. São Paulo: Paulus. 2007, p. 77, n. 147.

no meio dos marginalizados pela sociedade e pela elite religiosa, dos que eram considerados “pecadores” pelos que se vangloriavam de serem “justos”, dos doentes e impuros, dos leprosos, cegos, coxos e dos cobradores de impostos. Jesus encarnava o Deus do Êxodo, que diante da realidade do povo no Egito disse: “vi muito bem a miséria do meu povo... ouvi seu clamor contra seus opressores e conheço os seus sofrimentos... desci para libertá-los...” (Ex 3,7). Essa descida de Deus aconteceu de maneira especial em Jesus, que foi a presença libertadora do Deus compassivo no meio do sofrimento, da pobreza e da exclusão.

Como Lucas escreve num contexto urbano, o contraste gritante entre ricos e pobres era a experiência de cada dia. Esse contraste existia também nas comunidades cristãs. Calcula-se que no primeiro século a proporção de escravos na população de Corinto chegava a dois terços! O grande perigo era que as comunidades cristãs do primeiro século reproduzissem na sua vivência as divisões e discriminações correntes na sociedade greco-romana.

Nas discussões e polêmicas com a elite da comunidade em Corinto, Paulo demonstra que estavam se concretizando as mesmas estruturas da sociedade hegemônica – e mostra que, se a comunidade cristã repete as estruturas excludentes da sociedade greco-romana, então não há motivo para ela existir (cf. 1Cor 11,17-29). A Carta de Tiago, escrita pelo fim do I século, também bate na mesma tecla quando ironiza a elite cristã por agir como a elite da sociedade greco-romana, e ainda achar que tem fé em Deus: “Você acredita que existe um só Deus? Muito bem! Só que os demônios também acreditam, e tremem! Insensato, quer ver como a fé sem as obras não tem valor” (Tg 2,20)? Com o texto de 10,25-37, Lucas desafia os leitores para sair de uma religião acomodada e criar comunidades sem exploração nem exclusão, baseadas nos valores do Reino.

2. Uma pergunta tentadora e a parábola do “bom samaritano”

A parábola do “bom samaritano” talvez seja, junto com a do “filho pródigo”, a mais conhecida de todas as parábolas de Jesus. Por isso mesmo, corre o risco de ser banalizada, de não ser levada muito a sério ou ser relegada quase ao nível de folclore religioso. Merece uma atenção mais minuciosa.

A parábola situa-se logo após Jesus ter louvado o Pai por ter “escondido essas coisas aos sábios e inteligentes e revelado aos pequeninos” (Lc 10,21). Realmente, logo depois desse louvor de Jesus, o primeiro a tentar atrapalhá-lo é um “sábio e inteligente” – um especialista em leis. Lucas salienta que ele fez a pergunta inicial “O que devo fazer para receber em herança a vida eterna” (v. 25), não porque ele se interessava pela verdade, nem porque ele tivesse qualquer dúvida, mas “para tentar Jesus”. Devolvendo a pergunta a ele: “O que está escrito na Lei? Como você lê?” (v. 26), Jesus leva o legista a deixar claro que já sabia a resposta correta: “Ame o Senhor, seu Deus, com todo o seu coração, com toda a sua alma, com toda a sua força e com toda a sua mente e ao seu próximo como

a si mesmo” (v. 27). Jesus simplesmente diz: “Você respondeu certo. Faça isso e viverá” (v. 28).

Mas com a petulância típica do pseudointelectual, ele insiste, “para se justificar”, com uma segunda pergunta: “E quem é o meu próximo?” (v. 29). Mas Jesus não cai na cilada de fazer uma discussão teórica e estéril sobre quem seja o próximo, ele logo traz o debate para o nível prático da vivência. Ele conta a parábola do “Bom Samaritano”. Vejamos.

Depois do assalto, passou pela vítima um sacerdote que “viu o homem e passou adiante pelo outro lado” (v. 31). A mesma coisa aconteceu com um levita. Por que será que esses homens – ligados ao culto judaico – agiram assim? A resposta está nas leis de pureza daquela época. O morto ou aquilo que o envolve eram considerados impuros e tornavam impuras também as pessoas que tocassem neles (Lv 21,1-4; 22,4; Nm 6,9; 19,11-16; 31,19; Ag 2,13; cf. Ez 43,7)³. O contato com um defunto, ou com sangue, deixava a pessoa ritualmente impura, isto é, inapta para participar do culto, antes de se purificar. Como o homem estava coberto de sangue, e talvez morto, os dois não se arriscavam a tocar nele, pois para eles o culto religioso era mais importante do que a misericórdia para com uma pessoa sofrida. Não era, em si, uma atitude somente pessoal de duas pessoas maldosas, mas demonstra uma tentação permanente de pessoas ligadas ao culto e o mundo tido como “sagrado”: o perigo de viver alienadas do mundo real, onde as pessoas vivem, sofrem e lutam todos os dias.

Entra em cena um samaritano. Havia rejeição e antipatia comuns entre os judeus e os samaritanos no tempo de Jesus, desde muitos séculos. Do lado judaico, a religião dos samaritanos era considerada como cheia de deformações e ignorância pelo judaísmo oficial, pois desde a invasão do Reino do Norte pela Assíria em 721 aC a prática religiosa do povo samaritano tinha sido contaminada por religiões “pagãs” dos povos trazidos pelo império para se mesclar com a população local (cf. 2Rs 17,24-31). Do lado samaritano reinava um ressentimento muito grande contra os judeus, por causa de sofrimentos históricos do povo samaritano nas mãos dos reis Asmoneus ou Macabeus. Na tentativa de recuperar a hegemonia sobre as terras “históricas” de Israel, o rei asmoneu João Hircano I (134-104), aproveitando uma guerra civil na Síria que começou em 128 aC, conseguiu recuperar o poder sobre cidades na Judeia e além dela. Venceu os idumeus no Negeb, impondo a eles a Torá e a circuncisão. Visando “judaizar” a região, para consolidar-se no poder, destruiu o templo samaritano do Monte Garizim, com o apoio de mercenários estrangeiros (indicativo da apatia do povo judaico). Os selêucidas da Síria declinavam no seu poder e Hircano estava livre para consolidar-se. Em 107 até a Samaria já estava em poder dos seus filhos, Aristóbulo e Antígono.

3. VAUX, R. *Instituições de Israel*. São Paulo: Paulus, 2003, p. 80; BOVON, F. *El Evangelio según San Lucas II*. Salamanca: Sigueme, 2012, v. 2, p. 119; FITZMYER, J. A. *El Evangelio según Lucas: introducción general*. Madri: Cristiandad, 1987, v. 2, p. 284-285.

Continuava na memória dos samaritanos o rancor diante do seu sofrimento nas mãos dos invasores judaizantes. Mas, no nosso texto, quando o viajante samaritano vê o sofrimento alheio ele não pensa em discussões teológicas sobre pureza; não se deixa tomar por considerações étnicas de ranço histórico, mas parte para uma ajuda prática, levado pela misericórdia e compaixão.

Terminando a parábola, Jesus devolve a pergunta ao especialista em leis, mas faz uma mudança fundamental! Não devolve a pergunta teórica, que lhe foi feita, ou seja, “quem é o meu próximo”, mas formula uma pergunta prática: “Quem se fez próximo do homem que caiu nas mãos dos assaltantes?” A primeira pergunta, a do legista, só levaria a uma discussão vazia e fútil; a de Jesus leva a uma mudança de prática vivencial.

Schürmann destaca que “[...] a atenção é focalizada, didaticamente, não sobre quem tem necessidade de ajuda, mas sobre os personagens ativos: o sacerdote, o levita e o samaritano”⁴. É desta interpretação que resulta a pergunta de Jesus ao legista no final: “Qual dos três, na tua opinião, foi o próximo do homem que caiu na mão dos assaltantes?” (10,36) e não “quem é o teu próximo?” A pergunta não é sobre o objeto da ação⁵. O questionamento é sobre o sujeito que deve praticar a ação. O interrogativo não é colocado a partir de mim, mas a partir do necessitado com o qual me defronto. É ele que faz de mim o seu “[...] próximo e me transforma”⁶.

Forçado a reconhecer que quem se fez próximo do sofrido era o samaritano, o legista ouviu da boca de Jesus a conclusão: “Vá e faça a mesma coisa” (v. 37), isto é, se quiser herdar a vida eterna, pratique sempre a misericórdia e a compaixão com quem necessita. Portanto, “próximo” é todo necessitado que encontrarmos em nosso caminho, todo aquele que pode ser objeto de nossa compaixão e de nossos desvelos, acima, inclusive, de nossos vínculos étnicos e de nossas convicções religiosas⁷.

3. Viver é conhecer a Deus e praticar a misericórdia e a justiça

Com esta parábola, Jesus ensina que nada, nem o culto, nem a tensão étnica, tem prioridade sobre a ajuda a uma pessoa necessitada. A religião de Jesus não é teoria, é prática de misericórdia, pois Deus é misericordioso. Por isso, com a parábola Jesus desconcerta os esquemas oficiais. Segundo Pagola, Jesus “[...] olha a vida a partir das sarjetas, com os olhos das vítimas necessitadas de ajuda. Não há

4. SCHÜRMAN, H. *Il Vangelo Secondo Luca*. Brescia: Paideia, 1998, v. 2, p. 221.

5. JEREMIAS, J. *As Parábolas de Jesus*. São Paulo: Paulinas, 1976, p. 203.

6. SCHÜRMAN, H. *Il Vangelo Secondo Luca*, p. 226.

7. FITZMYER, *El Evangelio según Lucas*, v. 3, p. 279.

dúvida. Para Jesus, a melhor metáfora de Deus é a compaixão para com um ferido⁸. Como diz o Evangelho de Mateus, baseando-se em Oseias 6,6: “Aprendam, pois, o que significa: ‘Eu quero a misericórdia e não o sacrifício’. Porque eu não vim chamar justos, e sim pecadores” (Mt 9,13). O legista já conhecia a orientação da Escritura, mas tentava escapar das suas consequências, criando discussões inúteis. Nós também sabemos o que diz a Bíblia, estamos convidados a não tentar esvaziá-la com debates estéreis sobre quem é “o pobre”, “o aflito”, “o próximo”, “o bom” etc. Façamos o que Jesus ensina nesta parábola “e viveremos”.

Percebemos no texto que não é o conhecimento da Lei que gera a vida. É a sua prática. “O amor não é feito de palavras, mas de ações de bem⁹”. É o agir que indica o caminho da vida: “Todo conhecimento teológico de nada serve, se o amor para com Deus e para com o próximo não determinar a direção da vida¹⁰”.

Na verdade, a ligação que o texto faz entre vida longa, ou até eterna, e a prática de misericórdia, compaixão e justiça, é comum nas palavras da Escritura. Séculos antes, na formulação dos Dez Pronunciamentos de Deus (os Dez Mandamentos) lemos em Ex 20,12: “Honre seu pai e sua mãe: desse modo você prolongará sua vida, na terra que Javé seu Deus dá a você”. Nós, acostumados como somos a reduzir os mandamentos quase à prática de boas maneiras, podemos estranhar a ligação entre o honrar os pais e a permanência na terra. É importante lembrar que a proposta do povo de Deus era criar uma sociedade alternativa àquela dos outros povos, na qual reinava dominação e opressão, consequências de uma sociedade hierarquizada. Para que sobrevivesse um projeto alternativo, baseado na vivência do clã e na comunidade, era necessário honrar os responsáveis pela família, pelo clã e pela tribo, para não perder a terra que Deus havia dado ao povo em herança, voltando a ter uma sociedade opressora.

Também podemos estabelecer uma ligação entre ideias expressadas nos livros do Profeta Jeremias e no Evangelho de João. No Quarto Evangelho, na Última Ceia, Jesus diz que Ele deve dar a vida eterna a todos aqueles que lhe foram dados pelo Pai, e continua: “Ora a vida eterna é esta: que eles conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e aquele que tu enviaste, Jesus Cristo” (Jo 17,2-3). Mas em que consiste “conhecer a Deus?” No capítulo 22 de Jeremias, o profeta, escoriando o rei Joaquim por ter construído o seu palácio sem pagar os operários, refere-se ao Rei Josias, o falecido pai do monarca, quando diz: “O seu pai fez o que é justo e direito... ele julgava com justiça a causa do pobre e do indigente; e tudo corria bem para ele! Isso não é conhecer-me? – oráculo de Javé.” (Jr 22,15-16). Assim, ter a vida eterna é conhecer o Pai, o que acontece quando se pratica a justiça, a solidariedade e a misericórdia.

8. PAGOLA, J. A. *Jesus: aproximação histórica*. Petrópolis: Vozes, 2010, p. 174.

9. SPINETOLI, O. *Luca: Il vangelo dei poveri*. Assisi: Cittadella, 1982, p. 379.

10. JEREMIAS, *As parábolas de Jesus*, p. 202.

Considerações finais

As reflexões que apresentamos neste texto nascem como resposta à pergunta original feita pelo legista: “Mestre, o que devo fazer para receber em herança a vida eterna” (Lc 10,25). Talvez essa pergunta esconda uma visão da vida que faz distinção entre a vida “aqui e agora” e “a vida eterna”, uma visão muito comum entre cristãos. Jesus demonstra com a parábola que há uma integração, uma continuidade essencial, entre a prática da misericórdia com os outros e a vida eterna na plenitude com Deus. Pois quem já pratica a compaixão, de certa maneira já experimenta algo da vida eterna. Como disse o grande teólogo, o saudoso Pe. João Batista Libânio, recentemente falecido, “A eternidade não se ganha nem se perde, mas é o amor que vivemos aqui e ultrapassa o tempo e o espaço para dentro da infinitude de Deus. Então toda pessoa que ama não ganha o céu, é já a eternidade feliz iniciada”. Não percamos tempo nos preocupando com perguntas teóricas sobre como ganhar a vida eterna, mas preocupemo-nos com a prática da misericórdia, como fez o samaritano, pois Jesus garantiu: “Faça isso e viverá”.

Bibliografia

- BOVON, F. *El Evangelio según San Lucas*. Salamanca: Sigueme, 2012, v. 2.
- CONFERÊNCIA EPISCOPAL LATINO-AMERICANA E DO CARIBE. *Documento de Aparecida*. São Paulo: Paulus. 2007.
- FITZMYER, J.A. *El Evangelio según Lucas: introducción general*. Madri: Cristiandad, 1987, v. 2.
- JEREMIAS, J. *As Parábolas de Jesus*. São Paulo: Paulinas, 1976.
- PAGOLA, J.A. *Jesus: aproximação histórica*. Petrópolis: Vozes, 2010.
- SCHÜRMAN, H. *Il Vangelo Secondo Luca*. Brescia: Paideia, 1998, v. 2.
- SPINETOLI, O. *Luca: Il vangelo dei poveri*. Assisi: Cittadella, 1982.
- STORNILO, I. *Como Ler o Evangelho de Lucas*. São Paulo: Paulus, 1990.
- VAUX, R. *Instituições de Israel*. São Paulo: Paulus, 2003.

Tomaz Hughes
Rua Baltazar Carrasco dos Reis, 887 – Rebouças
80215-160 Curitiba, PR
thughes@netpar.com.br